

O meu Dante *.

Miguel Reale

Catedrático de Filosofia de Direito na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

SUMÁRIO: Compreensão unitária das obras de Dante — Significado da *Vita Nuova* — A adoção da língua italiana e seus reflexos no plano filosófico — O problema dos valores na *Divina Commedia* — Política e Direito numa teoria do amor integral.

O que Eduardo Bizzari me pede é um depoimento, ou seja, uma confissão sôbre o significado de Dante Alighieri em minha experiência pessoal. Como cultor do Direito, sei bem do risco inerente a tôda confissão, válida, em princípio, contra o depoente em tudo que êle diga em seu próprio dano. Do momento, porém, que anuí ao convite, aceitei todos os riscos, quando mais não fôsse pela alegria de estar compartilhando das comemorações que a cultura brasileira deve ao excelso poeta.

Quis a fortuna que a minha experiência de Dante se processasse segundo momentos que talvez possam ser caracterizados, pelo seu sentido prevalecente, como sendo de convivência lírica, de compreensão filosófico-poética e de meditação filosófico-política, exclusão feita, como se vê, da experiência religiosa tão essencial à comunhão com um

* Conferência comemorativa do centenário do Poeta, feita a convite do adido cultural da Itália em São Paulo, no “Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro”, e posteriormente, na União Brasileira de Escritores, sob os auspícios do Conselho Estadual de Cultura.

poeta que soube fundir em cálida unidade a fé, o amor e a poesia.

Antes, porém, de afrontar os três ciclos de minha vivência dantesca, tenho, a meu modo, o meu limbo, que me leva à suave recordação de minha infância, quando ainda suspenso no mundo do sonho e da perplexa fantasia. É-me grato relembrar essa época porque ela está ligada à figura serena de meu pai, que formara o seu espírito na Universidade de Nápoles, ainda sob o impacto renovador dos ensinamentos de Bertrando Spaventa, Francesco de Sanctis, Luigi Settembrini, Giovanni Bovio e tantos outros, cujos nomes muito cedo ouvi lembrar com respeitoso entusiasmo.

Todos sabem como as gerações, que se sucederam imediatamente ao “Risorgimento italiano”, mantiveram-se fiéis à chama de Dante, vendo justamente na obra do grande florentino uma razão profunda cimentadora da unidade cívica e da cultura da gente itálica. O orgulho patriótico de Dante continua sendo em todo italiano uma constante, de tal modo êle encarna o gênio peninsular, sendo êsse, abstração feita de outros elementos não menos relevantes, um dos motivos de sua significação universal.

Pois bem, era meu pai um homem lúcidamente integrado naquela tranqüila geração que sorria com Renan e se entusiasmara com Carducci, conservando de Dante como que uma gigantesca imagem plástica, de um grande mural mediévo, ao qual se achegavam respeitosos os homens que haviam depositado, confiantes, as suas razões de viver e de morrer numa concepção científico-positiva do universo e da vida.

O culto de Dante, que ameaçava degenerar naquele “dantismo” a que se referiu Benedetto Croce nas páginas minuciosas dedicadas à cultura partenopéia nas últimas décadas do século passado,¹ constituiu, dêsse modo, a atmosfera espiritual em que, desde cedo, me vi envolvido. A mais

1. CROCE, *La letteratura della nuova Italia*, vol. IV, Bari, 1915, págs. 296 e segs.

remota lembrança que nesse sentido guardo na memória liga-se a um dos livros mais caros de minha biblioteca, à edição da *Divina Commedia*, de Sonzogno, com as famosas ilustrações de Gustavo Doré. Fascinava-me o grande livro, que me era permitido folhear de olhos acesos, querendo adivinhar o sentido das estranhas gravuras que me falavam à imaginação como se fôsse um mundo mágico destinado à aventura dos adultos.

Ante minhas perguntas insistentes, que iam crescendo com o correr dos anos, meu pai me enriquecia de respostas compatíveis com a minha idade. Ao ouvi-lo, porém, recitar versos e versos do poema, enchia-me de assombro e de misteriosa veneração.

Foi então que se deu um fato decisivo em minha vida. Resolveram matricular-me no “Instituto Medio Dante Alighieri” da Capital paulistana. Tinha pouco mais de onze anos e, até então, vivera uma vida despreocupada e feliz, repartindo o tempo entre as aulas e as fugas para as margens risonhas do rio Sapucaí, em Itajubá, onde o Presidente Wenceslau Braz se refugiava, ao cair da tarde, para a sua habitual pescaria, com o séquito dos chefes políticos locais, seguido de um bando irrequieto de garotos, entre os quais me incorporava ávido de aventuras.

Via-me, pois, de repente, sujeito à inesperada disciplina de um internato talhado em moldes antigos. Vida áspera sobretudo para mim que não sabia uma palavra de italiano e me via submetido a todo um sistema nôvo de vida, com novos hábitos e nova língua a adquirir.

Minha meninice e adolescência iriam, pois, transcorrer, durante oito anos, sob o signo de Dante, mas de um Dante patrioticamente estruturado, ao qual meus primeiros mestres se referiam como a um símbolo encoberto, a um personagem distante acessível somente graças a uma longa peregrinação...

Na realidade, por longo tempo Dante continuou a representar em meu espírito o papel de mago oculto, menos

real, naquele dantismo convencional, do que nas gravuras da primeira infância.

Foi só ao atingir o curso liceal que fui atraído pela leitura da *Vita Nuova*, na edição comentada de Giovanni Melodia que meu progenitor me presenteara para assinalar a nova fase de meus estudos. Começou, assim, o meu namôro com a poesia de Dante.

Digo namôro, porque recebi a carícia daquela poesia e daqueles versos numa ânsia de fidelidade romântica, como me aconteceu logo depois ao me confundir com as páginas ardentes do *Werther* de Goethe.

Na idade em que a intuição do amor desponta e a imaginação se colora do eterno feminino, a leitura da *Vita Nuova* deixa, — pelo menos foi o que me aconteceu, — uma impressão indelével. Não sei se é por ter sido e continuar sendo um homem que acredita nas virtudes do sonho, mesmo quando a realidade mais crua me cerca e me oprime, o certo é que recebi a figura idealizada de Beatriz como uma pessoa de carne e osso que encontramos para nosso encantamento.

Não foi mister, naquela oportunidade, senão abrir a alma para recebê-la, na sua realidade poética e, tanto mais humana quanto mais poética, a imagem da “*donna gentile*”, que só poderia aparecer ao poeta “*vestita di nobilissimo colore umile ed onesto sanguigno, cinta e ornata a la guisa che a la sua giovanissima età si convenia*” (*Vita Nuova*, II).

Lembro-me que, naquela oportunidade, só tive olhos para ler o texto, todo êle poético, desprezando as longas notas do comentarista, que esmiuçam as fontes inspiradoras do poeta, debatendo conhecidos problemas sôbre o sentido alegórico ou o fundo teológico da obra. Confesso que, mesmo mais tarde, quando o homem adulto se concentrou na análise dêsses temas subtis, nada conseguiu apagar de meu espírito a fôrça autônoma da realidade artística, pura e essencialmente poética, da Beatriz que então se aninhou nas cordas da minha sensibilidade.

Há talvez uma Beatriz para cada idade, como várias Beatriz houve para Dante, e é também certo que uma não substitui as outras, mas tôdas juntas vão compondo e enriquecendo a imagem de mulher mediante a qual o nosso ser se modela e se completa.

Digam o que disserem os insensíveis à realidade inamovível dos gêneros literários e das escolas; advirtam-nos êles quanto ao que há de convencional e de esquemático na construção da *Vita Nuova*, que esta continuará sendo sempre uma fonte de espontaneidade poética, uma confissão íntima de jovem para jovens.

Embebi-me, pois, do “dolce stil nuovo”, aceitando sem reservas o culto da mulher amada, com os seus ritos e cerimônias litúrgicas, sem os distinguir uns dos outros, assim como o verdadeiro crente não sabe nem pode fazer distinções eruditas extrínsecas entre o culto e a crença, o valor figurativo dos gestos e a intimidade cálida da prece.

Quando se tem quinze ou dezesseis anos, não é mistér ser iniciado nos sublimes arcanos do “preraphaelismo” para receber-se a poesia lírica do jovem Dante, com simpática e irresistível atração, pois cada adolescente naturalmente se identifica com versos como êstes:

“Io me sentí svegliar dentro a lo core
Un spirto amoroso che dormia”...

(*Vita Nuova*, XXIV)

e é levado a acreditar piamente que

“Amor e ’l cor gentil sono una cosa”.

(*Vita Nuova*, XX)

Pois bem, chamado a depor de minha alma o que nela julgo ter sido inspirado por Dante, devo dizer-vos que data daquela época a minha primeira criação de poeta bissexto. É um soneto de adolescente, válido apenas como sintomático estado de alma. Intitula-se, por sinal, “Beatriz”, e vou reproduzi-lo tal como, naquela época, o julguei perfeito:

Beatriz

“Tu m’hai di servo tratto a libertate”
(Paradiso, XXXI, 85)

Amor meu peito ainda não tortura
no brilho de um olhar bondoso e amigo,
nem uma imagem ternamente abrigo
que suspirar me faça em noite escura.

Se de uma Beatriz tôda a ternura
angélica ou terrena ver consigo,
num sonho que clemente está comigo,
o sonho morre e nasce outra amargura.

Talvez, vencida a selva em que vagueio,
venha a encontrar a imagem de mulher
por quem no sonho tanto clamo e anseio.

Então, com seu amor, fôrça hei de ter
para afrontar na vida, sem receio,
o sofrimento que redime o ser”.

Digo que êsses versos são sintomáticos porque, na sua expressão ingênua, englobam alguns dos elementos litúrgicos da poesia “cortese”: a idealização da mulher amada, a bipolaridade do angelical e do terreno, o sentido de purificação pelo sofrimento, e o lenitivo que se espera do amor-redenção.

Fácil será, pois, compreender como a minha passagem à *Divina Commedia* se deu sem solução de continuidade, olhos fixos em Beatriz, para reencontrá-la, sem espanto, como aparecera no primeiro encontro, “vestita di color dī fiamma viva”, mesmo porque jamais me convenci da procedência da tese segundo a qual não haveria ligação essencial de conteúdo e de inspiração, mas apenas material ou circunstancial, entre a obra prima de Dante e seus principais trabalhos anteriores, a *Vita Nuova*, o *Convivio* e o *De*

Monarchia.² Uma concepção estética atomizante, que pretendeu fragmentar o ato criador do artista em formas singulares de pretensa intuição pura, perdeu de vista a concretude, isto é, a totalidade existencial em que cada obra do Alighieri se insere, numa unidade dinâmica.³

Mas voltemos à minha experiência pessoal, já que é dela e só dela que me cabe falar. A leitura da *Commedia* liga-se, em meu espírito, a um dever escolar, sabido como, naquela época, o “Instituto Médio Dante Alighieri” seguia os padrões do curso secundário italiano, sendo a leitura e o comentário do poema obrigatórios nos três anos do Liceu, ou do Colégio, como em má hora se preferiu dizer entre nós.

Felizmente, a *Divina Commedia* já havia sido arrancada das mãos dos gramáticos, e não fomos torturados com rebuscadas questões filosóficas ou os temíveis esquemas de análise lógica com que os mestres de português, no Brasil, até época bem recente, se incumbiam de afastar a juventude da mensagem poética dos *Lusíadas*...

As aulas sobre Dante, confiadas a um professor muito caro a meu coração, Francisco Isoldi, não primavam por excelências de compreensão estética, mas eram dadas com dedicação e esmero. Aos poucos, os versos, decorados antes por obrigação, passavam, imperceptivelmente, a fluir espontâneos em nossa sensibilidade, e, ainda hoje, cantam-nos na memória como uma componente de nosso ser pessoal.

2. Assim pensa, por exemplo, CROCE. Cf. *La poesia di Dante*, 3.^a ed., Bari, 1922, p. 48. Adotando ponto de vista oposto, LOUIS GILLET exagera: “Toute la *Divine Comédie* est en germe dans deux stances de la *Vita Nuova*” (GILLET — *Dante*, Americ-Edit., p. 14).

3. DANTE mesmo nos adverte sobre a diversidade expressiva da *Vita Nuova*, em confronto com o *Convívio*, “quella fervida e passionata, questa temperata e virile”, mas sem entender “però a quella in parte alcuna derogare, ma maggiormente giovare” (cf. *Convívio*, I, 1).

Com acuidade pondera GENTILE que as obras dantescas se integram sucessivamente, e que quando êle interrompeu a composição do *Convívio*, “il fine stesso più maturamente persegui nella *Commedia*” (*I problemi della Scolastica e il pensiero italiano*, 3.^a ed., vol. XII, das Obras Completas, p. 18).

Dante tornou-se, dêsse modo, fator decisivo em minha formação humanística, completada por outro curso que paralelamente freqüentava, de cunho mais científico, o chamado “curso seriado”, então impôsto pelas leis brasileiras como condição de validade para ingresso em nossas Faculdades superiores. Diga-se, de passagem, que foi inestimável bem essa ocasional combinação de estudo de “humanidades” e de “ciências”, apontando talvez as linhas de um humanismo mais concreto, em cuja unidade os valores das ciências positivas devem se harmonizar com os das letras, cooperando para uma determinação mais plena e, ao mesmo tempo, mais aberta, da personalidade humana.

Daqueles três anos de convívio com a *Divina Commedia* quero aqui lembrar apenas um episódio, o da atração que sôbre o meu espírito exerceram os valores estéticos da concepção filosófico-teológica de Dante, no contexto da cosmovisão medieval.

Tal estudo tomou-me de tal paixão que cheguei à ousadia de pedir ao mestre de literatura que me dispensasse de meus deveres semanais para poder me dedicar a trabalhos de maior envergadura. Lembro-me que, com a arrogância própria da juventude, escolhi êstes pomposos temas: “Beatriz e a Teologia”, “Dante e o homem moderno”.

Não sei onde foram parar essas páginas, mas sei que andei compulsando ensaios como os de Isidoro Del Lungo, Benedetto Croce, A. F. Ozanam, Giovanni Gentile, Giuseppe Tarozzi e Francesco Torraca, além das clássicas lições de De Sanctis, perdendo-me num mar de conjeturas. Já nesse tempo se firmava em meu espírito o amor pela filosofia, sendo um consôlo pelo menos me iludir que por ela tenha entrado de mãos dadas com a poesia.

Não me seria possível reproduzir aqui o que então escrevi com entusiasmo e convicção, mas, em sua essência, não divergiria hoje daquelas intuições primeiras, ao criticar a imagem teológica convencional de Beatriz, ou ao procurar lobrigar no mais medieval dos poetas as luzes do mundo moderno.

Dante é, sem dúvida, um dos pensadores mais significativos da Idade Média, mas é, acima de tudo, um poeta, o que significa que a sua metafísica jamais deixa de ser fundamentalmente estética, sendo, a essa luz, distinta do pensar de Aristóteles e de Santo Tomás.

Talvez seja impróprio falar-se em transmutação da sua filosofia em poesia, quando é a poesia que condiciona originariamente a recepção dos elementos essenciais daquela, numa unidade concreta indissolúvel. Podem-se notar, nesta ou naquela outra passagem do poema, a estrutura ou o arcabouço rígidos da Escolástica, mas o que prevalece é um modo expressional diverso e próprio, perdendo os conceitos a sua validade abstrata para adquirirem aderência mais íntima com as cousas significadas. A experiência filosófica confunde-se com o conteúdo mesmo da poesia, numa linha de continuidade espontânea que a unidade da consciência poética torna possível.

Não creio seja questão primordial saber o que Dante teria acrescido de original ao pensamento tomista, assim como seria fora de propósito pretender ter êle se valido das categorias lógicas e metafísicas da Escola para expressar um pensamento fundamentalmente diverso. O certo é que nas obras de Dante muitos dos motivos da Escolástica se tornam, por assim dizer, “mundanos”, transferidos para o plano da “Lebenswelt”, como uma imagem que descesse do altar para conviver entre os homens. Compreende-se, desarte, o primado que o poeta confere à Filosofia moral sobre a Metafísica, fato êste que, no dizer de Étienne Gilson⁴, é deveras singular e único no pensamento medieval, a traduzir uma preocupação inédita pelo problema existencial do homem, e já marcando o advento de outras valências históricas.

A questão tantas vêzes reaberta, e que me havia proposto no curso liceal, sobre se Dante é o último homem da Idade Média ou o primeiro homem da era moderna é, no

4. Cf. ÉTIENNE GILSON, *La philosophie de Dante*, Paris, 1939, págs. 107 e segs.

fundo, um pseudo-problema, como tôdas as perguntas formuladas à margem da daleticidade da história, quando as linhas convencionais de referência cronológica tendem a esquematizar, deturpando-a, a continuidade do tempo vivido. Dai as falsas alternativas, que atingem as personalidades mais representativas, aquelas que quanto mais se inserem na temática espiritual de seu tempo mais antecipam as trajetórias do futuro.

Se tal fato é irrecusável em tôdas as épocas, torna-se ainda mais visível nos momentos culminantes de cada ciclo de cultura, quando o ápice da perfeição atingida, na relatividade do processo histórico, já contém o germe de seu superamento. Mais do que em seus contemporâneos, tais sinais de transição se mostram em Dante, o que não é de se estranhar, sendo próprio do poeta o sentido demiurgo e desvelante, tão palpável na correlação existente entre “vate” e “vaticínio”. Diria que Dante está todo imerso no mundo medieval, mas como uma crisálida em seu casulo, intuindo na potencialidade das asas o frémito iminente do vôo, o próximo arremêso lírico, em suma, do homem moderno na conquista de novos horizontes.⁵

Não se diga que, com tais considerações, estou me afastando do tema proposto, pois o meu Dante é também o que penso dêle e de sua obra, a imagem que adquiri em seu convívio, no seu banquete de imagens e de idéias. Dizer como concebo a filosofia do Alighieri seria, porém, tarefa árdua e longa, fora dos objetivos estritos desta conferência. Direi apenas, a guisa de exemplo, que encontro na obra de Dante uma riqueza de motivos axiológicos que fala muito diretamente ao pensador contemporâneo, o qual, no dizer feliz de Jean Wahl, é mais um cavaleiro do Valor do que um servidor do Ser.

5. Tal ordem de idéias levou-me mais tarde, inclusive pela consideração da obra de DANTE, a designar a Idade Média como “Idade Inicial”, sob o ângulo do desenvolvimento das concepções políticas modernas. Cf. MIGUEL REALE, *Formação da política burguesa*, São Paulo, 1935, I Parte.

Ser-me-ia grato mostrar-vos, mas isto ficará talvez para outra oportunidade, como Valor e Ser no poema dantesco reciprocamente se convertem. Na imensa bibliografia destinada a captar a prodigiosa riqueza da inspiração dantesca há sempre lugar para se vislumbrarem aspectos novos, um dos quais me parece sugerido pela crescente importância que a problemática dos valores assume na atormentada filosofia de nosso tempo.

O emprêgo freqüente que Dante faz da palavra *valor* em seus escritos, como decorrência, em primeiro lugar, da opção decisiva e genial pelo sentido concreto e vivo da língua italiana, como “alcuna cagione del *suo* essere” (*Convivio*, I, XII) e as diversas acepções que aquele termo apresenta desde as páginas iniciais da *Vita Nuova* até às culminâncias metafísicas da *Commedia*, eis aí, a meu ver, um rico e fecundo manancial de pesquisas, inclusive para verificar as correlações, implicações e até mesmo as razões de identidade que vão se constituindo entre Ser e Valor, Valor e Bem ou Valor e Amor, para além do que possam sugerir meras conjecturas de ordem filológica⁶.

Nunca será demais acentuar a importância do problema aqui suscitado quanto às conseqüências do emprêgo da “língua volgare” no trato de temas filosóficos. No caso particular de Dante, — que, juntamente com o Maestro Eckhart, seu grande contemporâneo, é um dos primeiros a tratar de filosofia em linguagem nacional, — acresce que vem esta embebida de elementos emocionais inerentes à

6. Não cabe aqui desenvolver a análise da problemática do valor na concepção de DANTE, a começar pelas acepções da palavra *valore*, ora significando *fôrça* ou *coragem* (“Li occhi son vinti, e non hanno valore / Di riguardar persona che li miri — *Vita Nuova*, XXXIX) ora indicando *mérito* ou *virtude* (“E dirò del valore / Per lo qual veramente é l'uom gentile”, *Convivio*, Canz. III), ora correspondendo a *bem*, a *perfeição* ou a *fim*, como nos exemplos lembrados no texto. O problema alarga-se, aliás, a toda poética do “dolce stil nuovo”, como em GUIDO CAVALCANTI, em cujos versos o termo é de amplo e variado emprêgo, cumprindo remontar às matrizes da poesia provençal, assim como estudar as poesias de amor e de amigo, com as de D. DINIZ.

poesia do “dolce stil nuovo”, onde o uso freqüente do termo “valor” apresenta conotações originais e novas, irreduzíveis, a meu ver, às palavras “virtus”, “bonum” e outras as vêzes lembradas como seu correlato latino.

Na história das íntimas conexões entre poesia e filosofia, é capítulo merecedor de singular meditação êste relativo ao possível influxo da lírica do séc. XIII sôbre a posição especial do Alighieri ao dar preeminência aos assuntos de Filosofia moral, consoante acima já foi lembrado, e conferindo uma coloração axiológica inédita a certos temas tradicionais.

Bastará recordar que “Essere”, “Amore” e “Valore” são termos que mui freqüentemente se implicam na temática filosófico-poética do Alighieri, animando de um sôpro nôvo a cosmovisão teleológica aristotélico-tomista e a concepção mesma de Deus.

Deus, para Santo Tomás, não é apenas o Ato puro ou o Primeiro Motor da filosofia aristotélica, na ordem da causalidade racional, mas é também Ato de Amor. Em lugar do Deus de Aristóteles, “pura atividade teórica que repousa eternamente em si mesmo, que não tem nenhuma necessidade de agir, que não saberia mesmo agir, precisamente por ser para si mesmo o seu próprio fim”, como explica magistralmente Chevalier, temos o Deus-amor, o Deus-vida objeto de amor, de tal modo que “agir e amar é ainda contemplar, e a sabedoria é amor, tanto e mais que inteligência.”⁷

Tais idéias constituem o fulcro essencial ou a raiz unitária e harmônica do ser e da existência na estrutura da *Commedia*, resplandecendo o Amor como mediação entre

7. Cf. JACQUES CHEVALIER, *Histoire de la pensée*, vol. II, “La pensée chrétienne”, p. 339. Na mesma linha de pensamento GILSON já escrevera: “Quando se lê, nos comentários da *Divina Commedia*, que o último verso do grande poema não é senão tradução do pensamento de ARISTÓTELES, está-se bem longe da verdade, pois o *amor che muove il sole e l'altre stelle*, não tem de comum senão o nome com o primeiro motor imóvel. O Deus de SANTO TOMÁS e de DANTE é um

Deus e o homem, desde o Amor carnal ao Amor divino, uma vez que ao Verbo de Deus aprouve redimir o gênero humano

“con l’atto sol del suo eterno amore”

(*Paradiso*, VII, 33).

Se Deus é amor, é também Valor,

“lo primo ed ineffabile Valore”,

(*Paradiso*, X, 3),

o Valor que dá sentido a tudo que é e existe, “impresso in tutto l’universo”, razão pela qual as cousas estão de tal modo ordenadas que

“Qui veggion l’alte creature l’orma
de l’eterno Valore, il quale è fine
al quale è fatta la toccata norma”

(*Paradiso*, I, 106-108).

Parece-me, por conseguinte, desenvolvendo intuições juvenis, que, mais do que nas obras dos filósofos medievais que o inspiraram, Dante deu um nôvo sentido, de caráter axiológico, à problemática do Ser, sendo influenciado, especialmente através de Boécio, também pela concepção platonica do Amor como a fôrça ou elemento que condiciona e mantém a unidade do cosmos.

Dir-se-ia que ao calor da Poesia, o Eros dantesco converte o Ser em Valor, dando às categorias ontológicas da Escolástica um sentido imprevisto, um poder de comunica-

Deus que ama, o de ARISTÓTELES é um Deus que se deixa amar; o amor que move o céu e os astros, em ARISTÓTELES, é o amor do céu e dos astros por Deus, enquanto que aquêle que os move, em SANTO TOMÁS e DANTE, é o amor de Deus pelo mundo”. (*L’esprit de la philosophie médiévale*, 2.^a ed., Paris, 1944, p. 76).

8. Sôbre essa passagem, v. GIUSEPPE TAROZZI, *Teologia dantesca studiata nel Paradiso*, Livorno, 1917, págs. 7 e seguintes.

ção universal, acima dos esquemas de um diálogo puramente intelectualivo.

Ora, essa centralidade do Amor não a sinto apenas na *Commedia*, onde o amor adquire *valor transcendente*, mas governa tôda a obra do Alighieri, tal como me foi dado sentir quando, ao entrar para a Faculdade de Direito de São Paulo, tive a minha terceira experiência com o meu Dante, o das páginas do *Convivio* e do *De Monarchia*, isto é, como pensador político.

Já antes, aliás, me seduzira a paixão política de Dante, pois sempre sinto natural atração por quem me possa servir de exemplo de fidelidade ao lema de vida que ambiciosamente me tracei no prefácio de meu primeiro livro, *O Estado Moderno*: “teorizar a vida e viver a teoria na unidade indissolúvel do pensamento e da ação”.

Eu, que já tivera a atenção voltada para a análise do amor dedicado por Dante à mulher, à sabedoria e a Deus, passei a conhecer o seu amor pelo gênero humano, nos quadrantes da política.

O poeta que, no *Convivio*, nos adverte “che senza amore e senza studio non si può dire Filosofo, ma conviene che l'uno e l'altro sia” (III, XI), condena aquêles que se dedicam à ciência por motivos de utilidade, “per acquistare moneta o dignità”. Digna de meditação é a definição que êle nos dá de Filosofia como “*uno amoroso uso di sapienza*”, pois isto equivale a transcender o plano puramente teórico, para estabelecer uma viva correspondência entre *teoresis* e *praxis*. Dante chega mesmo a dizer ousadamente que a filosofia, “in sè considerata, ha per *suggetto lo intendere*, e per *forma* un quasi divino amore (sic) allo intelletto”. Não admira, por conseguinte que, ao concentrar o seu espírito no estudo da vida social, não as olvide, mas antes as tenha ainda e sempre presentes as razões de amor, tessitura essencial de tôda a sua atividade cultural.

Assim é que fundamenta a Monarquia na maior possibilidade dos homens e dos grupos humanos se amarem.

quando subordinados a um príncipe que a todos igualmente ame, e “in questo amore le cose prendano ogni loro bisogno, il quale preso, l’uomo viva felicemente” (*Convivio*, IV, IV).

Quer Dante que, a exemplo do Amor único que governa o universo, o amor dirija também unitariamente o destino da espécie humana, invocando êstes versos de Boécio:

“O felix humanum genus,
Si vestros animos amor,
Quo coelum regitur, regat!”⁹

É essa altíssima compreensão da vida social que leva Dante a dar-nos uma das mais penetrantes definições do Direito, que me encantou quando pela primeira vez a ouvi, numa aula do Professor Vicente Ráo, meu antigo mestre de Direito Civil. Vale a pena, como conclusão destas lembranças, recordar a famosa passagem do *De Monarchia*:

“Quicumque praeterea bonum Reipublicae intendit, finem iuris intendit. Quodque ita sequatur, sic ostenditur: Ius est realis et personalis hominis ad hominem proportio, quae servata hominum servat societatem, et corrupta corrumpit” (L. II. V).

Ainda hoje em minhas aulas de Filosofia do Direito invoco tais ensinamentos, acentuando a sua espantosa modernidade, pelo profundo sentido social do Direito que revela, pela harmoniosa composição dos valores da pessoa com os da comunidade que realiza, pela compreensão, em suma, do Direito como instrumento de vida e de convivência, e também por ter o poeta sabido surpreender a inteira correlação entre o “bem do Estado” e o fim do Direito como tal.¹⁰

9. A invocação desses versos de BOÉCIO é bem significativa, pois são os últimos da poesia que canta o amor como a força suprema do mundo, a que harmoniza as coisas e os homens (Cf. *De Consolatione Philosophiae*, L. II, Metrum VIII).

10. Sobre tais pontos, v. MIGUEL REALE, *Filosofia do Direito*, São Paulo, 3.^a ed., p. 542.

É do amor ainda que estamos tratando, do amor ao homem como pessoa, *ut singulus*, e do amor ao homem como membro da sociedade, *ut socius*, isto é, amor ao Direito e à Justiça, centelha do amor “che move il sole e l’altre stelle”.

Dessarte, se fôr mister uma palavra conclusiva para esta conferência, seja-me lícito discordar daqueles que pensam ter Dante abandonado, na maturidade, o propósito juvenil expresso nos belos versos que dedicou a Guido Cavalcanti:

“Guido, i’ vorrei che tu e Lapo ed io
Fossimo presi per incantamento,
E messi in un vascel, ch’ad ogni vento
Per mare andasse al voler vostro e mio;
.....
E quivi ragioner sempre d’amore”¹¹

Longe de abandonar o batel do Amor, o Alighieri dirigiu-o para todos os pontos “del grande mar dell’essere”, ou “del mar de l’amor”¹² deixando os recantos acariciantes do amor carnal pelas fecundas plagas do amor à ciência e à filosofia; afrontou as vagalhões traiçoeiras da política por amor dos valores humanos da justiça; elevou-se aos céus com os olhos fixos nos olhos de amor de Beatriz para culminar, por fim, no amor-êxtase, quando, nas profundezas do valor infinito, compreendeu como

“s’aperse in novi amor l’eterno amore”

(*Paradiso*, XIX, 18)

e, humilde, presumiu

“ficar lo viso per la luce eterna”.

(*Paradiso*, XXXIII)

11. *Rime*, LII.

12. *Paradiso*, I, 114 e XXVI, 62.

Poeta do amor integral, como modêlo que soube ser de homem integral, ascende Dante das mãos sábias e “paternais” de Virgílio para as mãos transparentes e “maternais” de Beatriz e destas para as mãos místicas de São Bernardo. Não é Santo Tomás, o doutor da razão, quem guia o poeta aos abismos do amor supremo, mas sim São Bernardo, o fiel servo de Maria, o maior místico do século XII, o mestre medieval por excelência da doutrina do amor cristão, desde o amor físico (*primus gradus amoris*) ao amor místico com que a criatura volve à fonte primeira.

Torno a confessar, essa experiência religiosa e mística culminante transcende os limites de meu ser pessoal, e o Dante que mais sinto junto ao meu peito é o homem Dante que sorri e espera, desespera e grita na “picciola aiuola che ci fà tanto feroci” (*Paradiso*, XXII, 151).

Permiti que, ao encerrar êste depoimento, ouse ainda vos ler um pequeno e desprezioso poema da mocidade, no qual se contém talvez a imagem mais viva de meu Dante, por estar ligada a uma fase de minha vida na qual também me foi dado provar

“come sa di sale
lo pane altrui, e como è duro calle
lo scender e’l salir per l’altrui scale”.

(*Paradiso*, XVIII, 58-60)

São êstes os versos:

Eterno poema.

Dante, era tal a selva dos instintos
ao soletrar curioso o poema eterno
que não sentia a fome dos famintos
tantálicos de luz de teu Inferno.

Entre as figuras que imortalizaste
vaguei sorrindo, cético, cismando
que o gênio é como o sol: requeima uma haste,
mas a ilumina mesmo condenando.

Agora que me vejo em dor desfeito,
volvo a teus versos como a fonte pura,
e o teu poema amolda-se a meu peito
como se amolda a tôda criatura.

Temeroso me achego ao teu Virgílio
no mestrado do amor e da razão,
para escutar sereno a voz do exílio
e, entre penas, pedir uma canção.

Tombo contigo ao pêso da lembrança
e de piedade diante de Francesca,
e a carne me remói na atroz vingança,
conde Ugolino Della Gherardesca.

Vivo o teu rosto pálido de morte
ouvindo o altivo guelfo de Florença,
e o teu sorriso abrir-se ao gentil porte
de Arnaut, “trouveur” nas côrtes de Provença.

Nem sei como surpreendes a quem leia
pondo no céu Sigério de Brabante,
ou a Avicena louvando tolerante,
só por amor da idéia pela idéia.

Mas é talvez ao pé de teu Ulisses
que a sêde natural mais me consome,
transpondo ousado o que teu verso disse,
menos em busca de Deus do que do homem.

Bem vês que não te sigo em teu caminho
de amor e fé que transcendentaliza,
tão trancado me vejo no escaninho
do mundo amargo que meu corpo pisa.

E se de meus mais íntimos refolhos
não me nascer amor igual ao teu,
adorarei Beatriz longe dos céus,
com a chama de teus sonhos nos meus olhos.